

APRESENTAÇÃO DO DOSSIÊ

A releitura dos clássicos sob a ótica da fenomenologia

Este dossiê tem como tema a filosofia na sua “forma” clássica e na sua “forma” atual. Que relação existe entre estas duas “formas”? Antes de mais nada, o que caracteriza um clássico e porque seria interessante ainda lê-lo?¹. Quais são os principais problemas que um estudante de filosofia ou qualquer leitor contemporâneo enfrenta ao deparar-se com um texto clássico?². Os textos do presente dossiê não respondem a estas questões. Eles já se encontram *in medias res*. Eles são esta relação mesma já em ato. Quando se retorna aos clássicos com a intenção de sobrepor paradigmas realiza-se inevitavelmente um “ato de violência”. Mas quando, ao invés da sobreposição se considera o intercruzamento, os êxitos são outros. Este dossiê encontra os clássicos na encruzilhada e considera os rumos diferentes que cada um toma ou tomou.

O texto de Ibraim Vitor de Oliveira resgata a atitude, que muitas vezes passa despercebida, de Heidegger que jamais abandona definitivamente, sobretudo nas intuições de *Ser e tempo*, as categorias fundamentais de Aristóteles; atitude que o professor Ibraim de Oliveira reconhece como um “passo atrás” de Heidegger na superação da metafísica em sua origem mais originária. Já o texto de Paulo Augusto da Silva participa a uma polêmica da qual temos notícias graças ao clássico *Contra Celsum*, de Orígenes. Trata-se de uma discussão que se for pensada em modo geral e não somente restrita aos protagonistas, no caso Celso e Orígenes, se apresenta de modo bastante radical e tensa, pois o cenário que a motiva é uma passagem de época, aquela da

¹ Neste texto não responderemos a estas questões, porém, entendemos que elas não devem ser rapidamente desconsideradas. Em linhas gerais podemos dizer que a noção de “clássico” não se restringe unicamente aos textos filosóficos da antiguidade. Para responder a este problema, as enciclopédias filosóficas e os dicionários podem nos ajudar. Um texto clássico é um “tecido vivo”, continuamente retomado nos seus aspectos desconcertantes, inaceitáveis ou de consenso na atualidade. Portanto, uma obra clássica “tem a ver e não tem a ver” com o tempo. Um clássico de filosofia distingue-se, outrossim, do livro “erudito”. O clássico de filosofia em geral é mais livre, sem muitas defesas, mais exposto e de algum modo, inimitável.

² Sobre os problemas de leitura, estes certamente são de ordem filológica, histórico-crítico e de hermenêutica em geral, ou seja, não somente as interpretações consagradas, mas também a suspeita, a comparação entre abordagens diversas, a revisão... Para aprofundamento de tais problemas indicamos os recentes trabalhos dos pesquisadores da Universidade de Macerata, Itália. Eles vêm desenvolvendo um projeto hermenêutico (ou mais que isso, uma verdadeira *Veltanschauung* segundo os próprios maceratenses) conhecido como “Abordagem multifocal” em referimento à performance dos filósofos antigos, os quais tendiam a assumir uma atitude interpretativa “multifocal” em virtude da complexidade com a qual a realidade apresentava-se aos seus olhos (ver CATTANEI, Elisabetta; FERMANI, Arianna; MIGLIORI, Maurizio (Ed.). *By the sophists to Aristotle through Plato*. Sankt Augustin: Academia Verlag, 2016, 250 p.). A nosso aviso, a escola de Macerata é uma excelente candidata na atualidade para nos acompanhar na leitura filosófica dos clássicos.

racionalidade grega à racionalidade influenciada pelo cristianismo nascente. O artigo de Diego Fragoso Pereira apresenta uma análise interpretativa de uma parte seleta do *De Doctrina Christiana* onde Agostinho de Hipona descreve em grandes linhas, o sentido inaudito de um “discurso interior”, até então pouco elaborado. Cristiane Pieterzack relata a experiência quase laboratorial de releitura da obra de S. Boécio *De Philosophiae Consolatione* com iniciantes em filosofia. Por fim, completado o espaço dos artigos, três autores (Lúcio Álvaro Marques, Maurício de Assis Reis e José Mário Santana Barbosa) se reúnem entorno a Pierre Hadot resgatando o paradigma clássico no qual o “discurso filosófico” fornece a direção, o sentido e a justificação do “modo de vida” conduzido pelos filósofos.

Este dossiê publica também uma entrevista concedida pelo professor Paul Gilbert, de Roma. Como se poderá constatar, a entrevista mantém o tom coloquial de uma normal conversa entre o mestre e seus alunos. Nesta, o professor Gilbert, reflete sobre a história da filosofia, comentando as temáticas clássicas e os desafios atuais. Facilitados, obviamente, pelo gênero próprio da entrevista não faltam referências à sua experiência existencial com a filosofia, experiência que não deixam de enriquecer a compreensão da filosofia mesma.

Digno de nota são as referências à sua experiência como docente. Em uma recente conferência, o professor Gilbert havia confidenciado quais teriam sido as primeiras questões que ele próprio se pôs quando aceitou o desafio de ensinar metafísica na Universidade Gregoriana. Surpreendentemente, uma das questões era esta: “Ao ensinar metafísica, o que posso fazer por essa gente (os alunos)?”³.

Em Gilbert a metafísica é deslocada (ou *spostata* como se diz em língua italiana), não somente no sentido que aparece nos seus textos – de que o “ser” é o primeiro incondicionado absoluto – , ela é deslocada também no sentido de que é capaz de mover-se da reflexão fundamental em direção à “pequenez do homem”. Encontrar P. Gilbert pessoalmente – mesmo que seja para uma entrevista numa tarde do verão romano – é ser imediatamente introduzido no segundo deslocamento, aquele do encontro com o humano.

No final do dossiê, o professor P. Gilbert presenteia-nos com uma resenha do livro *Por uma sensibilidade além da essência: Lévinas interpela Platão*, de Edvaldo Antonio de Melo, seu

³ Esta frase foi pronunciada por ocasião do Convegno Internazionale “Metafísica e fenomeno religioso”, Roma, 30 de outubro de 2017. Texto não publicado. Outros textos referentes ao evento podem ser consultados na página: <<https://mondodmani.org/dialegesthai/lmb01.htm>>.

discípulo de longa data. O livro de De Melo é resultado de uma pesquisa que visa colocar em relação a ἐπεκεινα τῆς οὐσίας de Platão e as categorias de Lévinas, sobretudo o “além da essência” que, a bem dizer, ocupa um lugar central na economia da obra levinasiana.

Não nos resta que augurar a todos uma boa leitura dos textos do dossiê.

Cristiane Pieterzack

Edvaldo Antonio de Melo

Organizadores do Dossiê A Releitura dos Clássicos sob a ótica da Fenomenologia